

## NOVA GERAÇÃO DE CRIADORES PORTUGUESES NOS CHANTIERS D'EUROPE

Pág.3



**III Jornadas de  
Educação para o  
desenvolvimento**

Pág.2

**Rede EPE  
Primeiros  
Exames a  
decorrer até  
29 de junho**

Pág.2

**Fotografia  
Edgar  
Martins  
em Cardiff**

Pág.4

**7ª edição dos  
Parfums  
de Lisbonne**

Pág.4

# III Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

◀ O aprofundamento das ligações entre a Educação para o Desenvolvimento (ED) e outras «educações para...» é um dos objetivos das III Jornadas da Educação para o Desenvolvimento que decorrem a 30 de maio, em Lisboa, na sede do Camões, IP, organizadas por este instituto público, pela Direção-Geral da Educação, pela Plataforma Portuguesa das ONGD e pelo Centro de Intervenção para o Desenvolvimento *Amílcar Cabral* (CIDAC).

As jornadas inserem-se no Plano de Ação da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED) - estratégia esta definida para o período de 2010 a 2015 -, como «atividade de dinamização» «estruturante e transversal» da própria estratégia, e têm como participantes instituições públicas e organizações da sociedade civil que estiveram envolvidas na elaboração da ENED, organizações não-governamentais para o desenvolvimento (ONGD) e instituições de Ensino Superior.

O «aprofundamento de questões conceptuais, temáticas ou metodológicas» ligadas à ED, a «troca de experiências» e a abertura de «perspetivas para ações futuras» está também entre os objetivos das Jornadas que, em edições anteriores «foram dedicadas à temática da 'influência política' (lóbbi, *advocacy*)» (I Jornadas, novembro de 2010), com a presença de ONGD, e à «Educação para o Desenvolvimento nas esco-

las» (II Jornadas, Janeiro de 2012), congregando «134 professores/as e outros atores de Educação para o Desenvolvimento no âmbito do ensino formal», em ambos os casos com a participação de peritos externos.

Durante os trabalhos, será apresentada uma reflexão sobre o tema das III Jornadas, pela perita internacional, Manuela Mesa, diretora do Centro de Educación e Investigación para la Paz (CEIPAZ), em Madrid, ouvidos «testemunhos de entidades sobre a sua experiência de concreti-

zação da ENED, em relação com várias 'educações para...' e elaboradas «recomendações».

No conceito de «educações para...», a ENED incluiu a *Educação para a Paz*, destinada a contribuir para a «prevenção da guerra», com uma «agenda vocacionada para o desarmamento», que evoluiu para a «recusa de toda e qualquer forma de violência», nomeadamente social (racismo, sexismo, degradação ambiental); a *Educação para os Direitos Humanos*, que

partiu da «denúncia das violações das liberdades individuais» e se estendeu à «defesa dos direitos económicos e sociais»; a *Educação Ambiental* e para o *Desenvolvimento Sustentável*; a *Educação Intercultural*, que da «afirmação da possibilidade e valorização de um diálogo positivo entre crenças, culturas, identidades, grupos sociais» passou à «consciência e reconhecimento da multiculturalidade a uma escala superior, no quadro da globalização»; a *Educação para a Igualdade de Género*, que «reclama a inclusão de uma perspetiva de género em todos os contextos das sociedades», de forma que «quer homens, quer mulheres, dispõem das mesmas oportunidades de realização e de acesso ao poder, aos recursos e ao reconhecimento»; a *Educação Global*, que pretende «abrir os olhos e mentes das pessoas para as realidades do mundo» e que abrange todas as outras «educações para...»; e ainda a *Educação para a Cidadania*

*Global e a Educação para 'Aprender a Viver Juntos'.*

## ANTECEDENTES

Não é a primeira vez que a questão das «educações para...» é debatida. Em fevereiro de 2009 reuniram-se durante um dia de trabalho representantes de 15 entidades, 8 públicas e 7 da sociedade civil, que assumiam missões nas áreas do desenvolvimento, do ambiente, da paz, do diálogo e educação intercultural e da cidadania.

Num primeiro momento procurou-se caracterizar as várias «educações para...» presentes, cruzando os conhecimentos e experiências dos participantes. Isso permitiu identificar «os pontos de diferenciação e os pontos comuns entre as diferentes 'educações para...' nomeadamente explicando do que é «específico» da ED.

As conclusões sintetizadas num documento relativamente aos pontos comuns, destacaram «o objetivo geral da transformação social e da educação para determinados valores, procurando transformar convicções e atitudes, tanto ao nível individual como coletivo», algumas metodologias que privilegiam «a participação, a horizontalidade, a construção coletiva e cooperativa do conhecimento e da ação» e o facto de basearem a sua reflexão e ação «na coerência entre teoria e prática, entre conteúdo e forma, entre processo e produto».

No que dizia respeito às especificidades da ED, foi sublinhada «a sua agenda (conteúdos) e respetivo enquadramento», a saber «perceção do Sul ou das Periferias, não como entidades isoladas de um sistema, mas como parte de um sistema de interdependência Norte/Sul ou Centro-Periferia» e a preocupação em «desvendar as causas estruturais dos problemas globais e locais, das desigualdades e das injustiças, assumindo que estas não são naturais ou inevitáveis». JL



## GLOSSÁRIO

### EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO (DEVELOPMENT EDUCATION)

Abordagem que considera a educação (formal e informal) como um processo dinâmico, interativo e participativo, orientado para a formação integral das pessoas, para a sua consciencialização e compreensão das causas locais e globais dos problemas do desenvolvimento e das desigualdades entre países e regiões. Inclui a tomada de consciência da importância da participação dos indivíduos para o processo de mudança. Inclui campanhas de sensibilização da opinião pública para as questões do desenvolvimento do "Sul".

## Rede EPE Primeiros exames a decorrer até 29 de junho

◀ Os primeiros exames de certificação das aprendizagens dos alunos da rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE) estão a decorrer desde 25 de maio e prolongam-se durante o mês de junho, abrangendo cerca de 4.800 jovens de diversos níveis etários e diferentes níveis de proficiência da língua portuguesa.

As provas são consideradas um «elemento de valorização e qualificação» do Ensino Português no Estrangeiro.

Os exames foram organizados pelo Camões - Instituto da Cooperação e da Língua (Camões, IP), que tutela a rede EPE, em colaboração com a Direção-Geral da Educação (DGE), do Ministério da Educação e Ciência, para os 5 níveis de proficiência previstos pelo Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro (QuaREPE).

Os primeiros exames tiveram lugar na Suíça a 25 de maio, onde prestaram provas cerca de 1.300 alu-

nos, um número que representa 15% dos inscritos na rede EPE daquele país e um valor considerado «razoável e normal», atendendo a que as provas se destinam apenas aqueles jovens que vão mudar de nível de proficiência. Na Suíça, a organização destes primeiros exames de sempre na rede EPE obrigou a encontrar 42 salas em 9 centros e a mobilizar 90 examinadores.

Seguir-se-ão os Estados Unidos e o Canadá, a 15 de junho, onde são esperados 500 alunos para as provas, e o resto da Europa, a 29 de junho, com a estimativa de 3.000 alunos.

Ao todo foram preparadas 10 provas para vários níveis etários e de proficiência com base na proposta de matrizes da direção de serviços de língua e cultura do Camões, IP, validadas por um júri nacional de exames, constituído por representantes do instituto e da DGE, presidido pelo professor universitário Mário Filipe.

As 10 provas foram preparadas pelos serviços de língua e cultura do Camões, IP compreenderam 3 provas

para o nível A1 (alunos de 8-10, 11-14 e mais de 15 anos), outras 3 para o nível A2 (nos mesmos três níveis etários), 2 provas para o nível B1 (alunos de 11-14 e mais de 15 anos), 1 prova para o nível B2 (alunos com mais de 15 anos) e 1 prova para o nível C1 (também para alunos com mais de 15 anos).

Os responsáveis pela organização dos exames sublinharam a «complexidade» que a sua operacionalização representou. Enquanto os exames nacionais em Portugal só têm lugar provas de leitura e escrita, as provas de certificação das aprendizagens dos alunos da rede EPE avaliam além da compreensão e expressão escritas da língua portuguesa, a compreensão e expressão orais - o que envolveu ao todo nas duas vertentes a criação de cerca de uma centena de itens para as provas e, especificamente para a compreensão e expressão orais, a produção de 50 gravações áudio em CD e outras tantas de imagens.

Esta especificidade significa a montagem de uma operação logística

com vista a encontrar nos diversos países da rede EPE salas com condições para a audição e visionamento com o intento de avaliar a compreensão e expressão orais. Também para avaliar esta dimensão das aprendizagens foi implementado um modelo de prova com dois alunos que interagem entre si e dois examinadores, em que um conduz a prova 'oral' e faz uma avaliação global e o outro faz a avaliação de acordo com determinados parâmetros, trocando de papéis depois.

Esta avaliação, embora introduza alguma complexidade logística, traz também «uma fiabilidade maior» quanto aos seus resultados, sublinham responsáveis pelo processo.

As provas escritas serão corrigidas pelos examinadores nos dias subsequentes à sua realização e remetidas ao Camões, IP, onde serão objeto de avaliação por amostragem, e os resultados homologados pelo júri nacional, estando prevista a distribuição dos certificados a partir de setembro próximo. JL

# Uma *première* portuguesa em Paris

«A casa do mundo em França, ao nível musical e da dança», o Théâtre de la Ville (TdV) de Paris, na expressão do seu diretor Emmanuel Demarcy-Mota, vai receber na primeira quinzena de junho uma representação da «nova geração» dos criadores artísticos portugueses.

Tratando-se de uma ação realizada em colaboração com as câmaras de Paris e Lisboa, que celebram na ocasião 15 anos de um «pacto de amizade» e contando com variados apoios, entre os quais o Camões, IP, a mostra foca-se em Lisboa.

«São cerca de 60 artistas portugueses em Paris, durante esses 15 dias. 60 artistas portugueses ao mesmo tempo [em Paris] nunca aconteceu. É uma primeira vez», uma *'première'*, uma palavra que Demarcy-Mota não usa no seu português fluente quando diz que a edição de 2013 dos *Chantiers* «é mais alargada do que as edições precedentes, em todos os sentidos». Sublinha, em especial, a importância do evento ir decorrer em 13 locais da capital francesa, envolvendo, entre outras, instituições conhecidas como o Palácio de Tokyo, a Maison de la Radio, o Parc de Montsouris, o cinema MK2 Beaubourg e o Centquatre.

Vindo da direção do Centro Dramático Nacional de Reims, Demarcy-Mota (n. 1970) encontra-se desde setembro de 2008 à frente do TdV (da câmara de Paris), situado mesmo no centro da cidade, junto ao Sena e à Cité. Aqui, decidiu em 2009 lançar os *Chantiers d'Europe* - uma expressão de difícil tradução, mas que em francês expressa a ideia de «uma coisa que se está a construir, que não está acabada» - que o dramaturgo e encenador luso-francês descreve como «um tempo» em que o teatro, as «artes vivas» investem na «questão da Europa, da criação da Europa, num momento de dificuldades».

O primeiro país a corporizar este projeto foi Itália e logo aí se estabeleceu como eixo de trabalho dos *Chantiers* a convocação, não das grandes instituições italianas do teatro, como o muito conhecido Piccolo Teatro di Milano, mas das «companhias independentes que estão em grandes dificuldades de criação, de orçamentos e de possibilidades de dar a conhecer o seu trabalho». Companhias e criadores não só de teatro, mas também de dança, de música, de *performance*, porque o TdV é «pluridisciplinar». O objetivo, diz, era e é «estar atento a movimentos de criação» naquelas áreas, «que



Emmanuel Demarcy-Mota

tenham uma ligação contemporânea com o mundo de hoje, que não seja só com autores do passado». À Itália seguir-se-iam a Inglaterra e a Grécia.

O debate no interior do TdV e deste com os seus parceiros sobre que país focar na 4ª edição levou à consideração de dois países que se encontram numa situação de grande crise económica - Irlanda e Portugal, revela Demarcy-Mota. Mas não foi a questão da economia que mais interessou ao encenador luso-francês. «É a questão da cultura e das artes, como mostrar que, se há uma grande crise económica, não podemos só ter uma visão negativa - nós, em França, na Europa - desses países». O que importa, frisa ainda, é mostrar a «vitalidade da criação e das novas gerações, que existem [nesses países] e que precisam de ganhar visibilidade e ser conhecidas internacionalmente». «É um ato forte, é também um ato político, de política cultural, voluntário», afirma.

## DA GERAÇÃO DOS «LUTADORES» À «NOVA GERAÇÃO»

Demarcy-Mota recusa a brutalidade da formulação de que a crise seja um qualquer «fermento» da vitalidade, num momento em que muitos jovens confrontados com a inevitabilidade do desemprego se viram para «o que gostam», as artes. Mas admite que «há uma juventude que se interessa muito pelas artes e pela cultura, porque é um lugar onde também se pode sonhar o futuro. Através da cultura e da arte não estamos só a pensar na noção de progresso na sociedade, mas numa vitalidade, se possível, num investimento individual e coletivo». E também em França, onde diz

que estão a nascer novos coletivos.

Não chega a explicitar porque pendeu a decisão para Portugal, país onde viveu, a que vem regularmente e onde tem apresentado vários espetáculos. E à pergunta se pesou a sua ligação a Portugal, ele que é filho da atriz e professora portuguesa Teresa Mota e do encenador francês Richard Demarcy e sobrinho do atual diretor do Teatro Nacional D. Maria II, João Mota, responde «sim e não». Diz sem rodeios que, podendo, quer ser útil a Portugal nos aspetos cultural e artístico. Já o fez, aliás, no apoio que deu ao Fado na promoção da candidatura a Património Imaterial da Humanidade e, mais recentemente, na homenagem em Paris a Zeca Afonso, «pouco conhecido neste momento pela nova geração». Recorda que cresceu no meio artístico de Lisboa, que conheceu «muito bem» nos finais dos anos 70. Conheceu «todos os primeiros movimentos dos grupos independentes, sejam a Comuna, o Luís Miguel Cintra, a Cornucópia, etc., o Teatro Alberto, o Joaquim Benite, o Festival de Almada». «Tiveram uma influência importante na minha construção individual e na minha maneira de pensar, mesmo hoje, sobre a necessidade de ser independente, o que eles foram sempre».

Mas percebe-se das suas declarações que é da superação dessa geração que se trata quando os *Chantiers d'Europe* se focam na nova produção independente portuguesa, sejam companhias de teatro ou de dança, seja no cinema ou nas artes plásticas. «Quando eu digo jovem companhia é essa nova geração», «com pessoas de 25 a 40 e picos anos», que chega depois da «moderna geração», a geração dos «fundadores» e dos «lutadores» num país que só tarde teve um Ministério da Cultura.

O que traz esta geração de novo? «Transversalidade» parece ser a palavra que a descreve para Emmanuel Demarcy-Mota. A nova geração «está ligada a uma forma de cruzamento das artes» - dança, teatro, *performance*. E, diferentemente da nova geração do cinema, que «notada» pela crítica francesa e alemã tem tido presença em vários festivais internacionais, nas artes cénicas a «nova geração ficou um pouco de lado no espaço europeu». Para isso, diz, «precisa de ganhar visibilidade» no confronto internacional, em festivais, «criar ligações, estabelecer diálogos», «para não ficar fechada num só caminho». «É o que faremos com um tempo como o do *Chantiers d'Europe*». Em Paris, sublinha o diretor do TdV, vão estar durante a quinzena portuguesa «vários programadores internacionais, italianos, ingleses, americanos, a quem vai ser mostrado que há uma nova geração de criadores portugueses.

Emmanuel Demarcy-Mota espera que a ligação com os grupos e criadores portugueses possa continuar, mas também que a «auto-estrada» da cultura entre Paris e Lisboa, França e Portugal, seja nos dois sentidos, «mais aberta e que o diálogo seja mais forte». JL.

# Nova geração de criadores portugueses no *Chantiers d'Europe*

«Um instantâneo, necessariamente não exaustivo, da jovem criação lisboeta em 2013» - tal é, no dizer de Emmanuel Demarcy-Mota, o diretor do Théâtre de la Ville de Paris, o objetivo da edição deste ano dos prestigiados *Chantiers d'Europe* (Cd'E), dedicados a Portugal, que decorrem durante a primeira quinzena de junho na capital francesa.

A vasta programação deste projeto multidisciplinar - que tem apoios diversificados que vão das câmaras de Lisboa (Egeac) e Paris, passando pelo Institut Français, Fundação Calouste Gulbenkian e Camões, IP -, vem dar visibilidade aos jovens criadores portugueses, quer junto do grande público, quer junto dos profissionais e programadores artísticos. Acolhendo os «artistas e companhias independentes da nova geração», o festival mostra-os «no começo das suas carreiras internacionais», que se esperam com futuro. São, ao todo, 40 propostas artísticas em vários domínios - cinema, artes plásticas, música, dança e teatro -, em espaços privilegiados de Paris.

No dizer de Demarcy-Mota trata-se de «dar conta do dinamismo criativo» dos artistas portugueses, «tão importante - em todos os domínios - quanto amplamente ocultado pelo olhar quase exclusivamente económico lançado sobre este país desde há alguns anos».

A geração de jovens criadores artísticos portugueses que vai ao *Chantiers d'Europe* pertence, segundo um texto de Jean-Marc Adolphe, jornalista e crítico francês de dança, e de Tiago Bartolomeu Costa, também jornalista e crítico português de teatro - a quem Demarcy-Mota agradece o ter sido «um guia ativo para a constituição do programa» - «a essa 'Europa das margens' que deu corpo à modernidade literária, de Pessoa a Kafka, de Joyce a Beckett». Não se deixando afundar pela austeridade, a atividade desta nova geração, cuja «diversidade», «singularidade» e «vitalidade» é sublinhada, desenvolve-se, no entanto, «à margem dos grandes circuitos internacionais».

Nesse sentido, «os espetáculos de Tiago Rodrigues, de Monica Calle, de Sofia Dias e Vitor Roriz, dos coletivos Teatro Praga, Bomba Suicida e Mala Voadora, de Joana Providência com Gémeo Luis prolongam e atualizam uma paisagem cénica plenamente inscrita na sua época. Longe das

crispações identitárias e populistas de que o atual 'estado de crise' é o temível fermento».

Da programação destacam-se, na área do cinema, a apresentação de um programa de retrospectivas e a realização de sessões diárias de projeções de filmes recentes de Pedro Costa, Miguel Gomes, João Salaviza, João Canijo e João Botelho, entre outros, seguidas de debates.

O programa das artes plásticas incluí projetos de artistas consagrados (Vasco Araújo, João Onofre, André Godinho) e de artistas representativos da nova geração. No Théâtre de la Ville será apresentada a exposição *Azulejo Português: diálogos contemporâneos*, produzida pelo Camões IP em parceria com o Museu Nacional do Azulejo.

Realizar-se-ão concertos de

Carminho, Lula Pena e Mísia e, nos domínios do teatro e da dança, destacam-se as apresentações pelo Teatro Praga (Eurovision, Discotheater), dos Grupos Bomba Suicida (Guintche, The Recoil Of Words) e Mala Voadora, (What I Heard About The World), de Joana Providência, Gémeo Luis e

Eugénio Roda (Catábrisa), de Tiago Rodrigues (Três Dedos Abaixo do Joelho), as performances Sofia Dias & Vitor Roriz (A Gesture That Is Nothing But A Threat), Tânia Carvalho e Monica Calle (A Virgem Doida) e leituras da peça Terceira Idade, de José Maria Vieira Mendes.

No campo literário, António Lobo Antunes será evocado numa sessão de leitura da sua obra por Georges Lavaudant, que em 2011 cenarizou em Etat Civil as conversas do escritor com Maria Luisa Blanco, do jornal El País, e pôs em cena Fado Alexandrino, no âmbito de uma inédita passagem ao teatro de um extenso número de obras do escritor português por iniciativa da Casa da Cultura de Seine Saint-Denis, a MC93. Também André Murraças e Jacinto Lucas Pires terão os romances Império e Sagrada Família, respetivamente, lidas em sessões difundidas pela France Culture.

«A programação destes *Chantiers d'Europe* é então tanto um convite a ver e a descobrir artistas como a perceber e compreender melhor, através do prisma das suas criações, uma país e uma época, longe dos clichés, mas a partir de uma identidade em movimento». JL.



## Joalheria israelita contemporânea no Camões, IP, em Lisboa



Porcelain Peony Ehila Levi Hyndman

¶ A exposição Through Sources - Por entre as fontes, uma mostra de peças contemporâneas criadas por 11 artistas israelitas do grupo Inyanim está patente até 7 de junho no Palacete Seixas, sede do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua (Av. da Liberdade, 270 - Lisboa).

«O grupo Inyanim procura influenciar o discurso público em torno do papel do design na sociedade, através do muito particular e sub-representado universo do design de joias», afirma Deganit Stern-Schocken, professora e uma das joalheiras do coletivo.

Os 11 criadores que compõem o grupo são formados em escolas israelitas de vanguarda na área das artes e do design e encontram-se regularmente para ensaiar a criação de joias. A mostra é uma janela aberta para esse processo criativo.

A exposição exhibe os trabalhos mais recentes dos joalheiros Vered Babai, Shirly Bar-Amotz, Rory Hooper, Aviv Kinnel, Gregory Larin, Tehila Levi-Hyndman, Michal Oren, Kobi Roth, Dana Seachuga, Deganit Stern-Schocken, e Edda Vardimon-Gudnason. **JL**

## 7ª edição de Parfums de Lisbonne

¶ O festival 'Parfums de Lisbonne' mantém a promessa feita em 2007 de criar, na transição da primavera para o verão, um espaço de trocas culturais entre Paris e Lisboa, através de um programa multidisciplinar, que tem tido o apoio do Camões, IP.

Mas, nesta sua 7ª edição, é notório o crescimento conhecido ao longo dos anos pelo festival das «urbanidades cruzadas», que decorre em 2013 sob o signo da pergunta «Pecados capitais ou capitosos?».



Este ano, em que integra também a programação dos *Chantiers d'Europe* (v. artigos na pág. 3), está-se para lá das pequenas representações no pátio frente ao café Lapeyronie, em Beaubourg, perto do imponente Centro *Georges Pompidou*, pela companhia de teatro 'Cá e Lá', dirigida por Graça dos Santos, dramaturga e professora na Universidade de Paris X/Nanterre. A Mediateca Theodore Monod, a Casa de Portugal/Residência universitária *André Couveia*, para além dos tradicionais Lapeyronie - Torrefacteur & Leroy Merlin e do cinema MK2 Beaubourg, e ainda a Casa *Fernando Pessoa*, em Lisboa, e o Museu Soares dos Reis,

no Porto, acolhem o festival que inclui na sua programação até 20 de junho, dança, artes plásticas, cinema, música, debates literários e sessões de poesia.

A abertura da 7ª edição dos 'Parfums de Lisbonne' ocorreu a 25 de maio no Lapeyronie - Torrefacteur & Leroy Merlin com uma *performance* interpretada e dançada na rua pelos atores da companhia 'Cá e Lá' e pelos bailarinos do grupo A2, no âmbito da qual o artista plástico jpetit apresentou uma «instalação efémera». **JL**

## Fotografia As 'narrativas sobrepostas' de Edgar Martins em Cardiff

¶ Para Edgar Martins a fotografia é um «*media* construído à volta de tensões conceptuais» e o trabalho que mostra até 7 de junho em Cardiff, no País de Gales, no âmbito do festival *Diffusion*, pretende ser isso mesmo - um projeto sobre «o paradoxo do modernismo e da modernização».

A exposição *The Time Machine*, patente na capital do País de Gales, surgiu em resultado de um convite formulado pela Fundação EDP a Edgar Martins, um «artista fotográfico» que tem vindo a ganhar crescente visibilidade e a suscitar polémica, nomeadamente no exterior, particularmente depois do seu trabalho sobre a crise do *subprime*, encomendado pelo *New York Times*, ter sido retirado do sítio do jornal por algumas imagens terem sido tratadas digitalmente - uma liberdade criativa justificada por ser um trabalho fora dos cânones do fotojornalismo, que Edgar Martins não pratica, e de «a ficção» ser, muitas vezes, «a representação mais eloquente e fecunda da realidade».

O convite há três anos para produzir uma «intervenção artística» nos projetos hidráulicos da empresa elétrica portuguesa foi uma oportunidade agarrada por Edgar Martins que, segundo afirmou numa entrevista à assessoria de comunicação do festival de Cardiff, «sempre quis realmente explorar» os temas «industriais», uma tarefa não muito fácil de concretizar, em seu entender, pela necessidade de reunir um determinado conjunto de condições, entre as quais o acesso a locais como aqueles cujas imagens agora expõe.

«Não havia realmente um tema por onde começar. Penso que, na altura, eles [Fundação EDP] tinham uma ideia muito mais modesta sobre este projeto». Mas, do levantamento

prévio que fez das barragens da Picota, Bemposta e Miranda, no nordeste transmontano, «ficou imediatamente claro» para Edgar Martins «que faria das centrais elétricas o foco central do trabalho», por duas razões: porque existia já «uma cultura visual saturada por imagens de barragens» e porque nas centrais elétricas havia uma «sobreposição de narrativas» que lhe interessava.

Através das imagens das centrais, Edgar Martins dá corpo àquela que é uma das suas preocupações, quando diz que o «processo de lenta revelação e sensação de manipulação temporal» é, em sentido amplo, «realmente crucial» para o seu trabalho e para a sua prática.

Ora, muitos dos espaços que mostra «foram construídos num tempo de excitante inovação tecnológica e, pode mesmo dizer-se, de crença otimista no futuro. A arquitetura de centrais elétricas mais antigas, que datam dos anos 20 aos anos 70», comparada com as mais modernas, torna

«imediatamente claro que eram mais do que projetos meramente económicos ou utilitários», explica Edgar Martins. «Eram também projetos políticos, sociais e - pode mesmo dizer-se - aspiracionais», associados à «ideologia da modernidade».

Assim, para o «artista fotográfico», «existe uma confluência interessante de temporalidades em jogo neste trabalho. Nestes espaços há presente que se refere ao passado, que olha para o futuro. O projeto não é apenas sobre mecanismos e a geração de eletricidade. É um projeto que fala do paradoxo do modernismo e da modernização».

O festival *Diffusion*, que acolhe a exposição de Edgar Martins com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Camões, IP, procurou na edição de 2013 responder à pergunta 'Onde é que está a fotografia agora?', em tempos de «abundância de imagens» e em que se esbatem as fronteiras entre os criadores e o seu público, entre o amador e o profissional. «O mundo nunca antes foi tão visualizado, e no entanto a natureza e o significado da fotografia e o seu estatuto na arte nunca foi tão acaloradamente debatido», dizem os organizadores do festival. Com algumas dezenas de projetos, envolvendo muitas dezenas de artistas, produtores culturais e curadores, esse debate prosseguiu agora em Cardiff. **JL**



Galeria R/C Exposição *The Time Machine*, Edgar Martins, Ffotogallery (Turner House), Penarth, País de Gales, 2013

## Camões, IP, membro de associação internacional dedicada à excelência no ensino da Língua

¶ O Camões, IP, aderiu à EAQUALS (*Evaluation & Accreditation of Quality in Language Services*), uma associação internacional de instituições e organizações envolvidas no ensino de línguas, que integra, designa-

damente, o Instituto Cervantes, o British Council, o Goethe Institut e a Cambridge ESOL.

O objetivo da EAQUALS é promover e garantir padrões de excelência no ensino e aprendizagem de línguas. Outro propósito daquela associação é o de proporcionar um fórum internacional para o intercâmbio e desenvolvimento de competências no domínio do ensino da língua, desenvolvendo recursos que promovam um nível de excelência em todos os aspetos relacionados com a aprendizagem de um idioma. **JL**



**Camões, IP**  
Av. da Liberdade, n.º 270  
1250-149 Lisboa  
TEL. 351+213 109 100  
FAX. 351+213 143 987  
www.instituto-camoes.pt  
jlencarte@camoes.mne.pt  
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho  
COORDENAÇÃO Margarida Duarte  
COLABORAÇÃO Carlos Lobato